

Estruturas narrativas nos *Anais* de Tácito

Narrative structures in Tacitus' *Annals*

Juliana Bastos Marques

Professora Adjunta
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)
leirunirio@gmail.com
Avenida Pasteur, 458 - CCH - Sala 216 - Urca
Rio de Janeiro - RJ
22290-240
Brasil

Resumo

O artigo propõe uma leitura dos *Anais* baseada na análise dos recursos retóricos ligados às regras da tradição historiográfica latina da forma como foram sutilmente adaptados por Tácito, por conta de sua necessidade de ênfase nas ações e no caráter dos imperadores. Com isso, podemos perceber a construção de uma sucessão relativamente linear de degeneração dos imperadores – e, por conseguinte, do próprio império –, que culmina com Nero (e posteriormente na guerra civil dos primeiros livros das *Histórias*).

Palavras-chave

Historiografia latina; Tácito; *Anais*.

Abstract

The paper proposes a reading of the *Annals* based on the analysis of rhetorical devices belonging to the rules of the Latin historiographical tradition, such as they were subtly adapted by Tacitus, due to his need to stress the actions and character of the emperors. This allows us to note the construction of a relatively linear succession of degeneration among the emperors – and, consequently, on the empire itself –, which reaches its peak in Nero (and, afterwards, in the civil wars portrayed in the *Histories*).

Keywords

Latin Historiography; Tacitus; *Annals*.

44

Enviado em: 29/04/2010
Autora convidada

Os *Anais* são a obra que representa a maturidade intelectual de Tácito, escrita entre o principado de Trajano e o de Adriano.¹ Por sua importância, tanto na tradição historiográfica latina quanto na formação do pensamento político ocidental, tem-se hoje disponível uma gama extremamente vasta de estudos sobre a obra, o que, a princípio, desencorajaria uma abordagem sintética tal como a aqui pretendida.² No entanto, são exatamente a extrema fragmentação e pormenorização atual das abordagens sobre a obra de Tácito, juntamente com a tendência das duas últimas décadas em se rever posições consolidadas na bibliografia sobre o autor durante o século XX, que permitem novas leituras mais gerais. É significativo, por exemplo, notar como elementos tais como os prefácios passam ao largo das grandes obras tidas como referência nos estudos tacitianos até há pouco tempo, como o estudo de Sir Ronald Syme (1960). Os trabalhos teóricos recentes sobre a historiografia antiga como gênero, valorizando o problema das regras e da tradição (MARINCOLA 1999), fornecem também um ponto de partida, na medida em que colocam novamente na dianteira questões de forma e estrutura narrativa.

O texto dos *Anais* chegou até nós de maneira tão fragmentária quanto o texto das *Histórias*. Sobrevivem hoje apenas os livros I a IV, o começo do V e do VI, metade do XI, e do XII até a metade do livro XVI. Isso significa que temos: a) quase todo o período de Tibério, exceto o apogeu e a queda de Sejano, sua eminência parda na segunda metade do governo; b) os últimos anos de Cláudio; e c) o principado de Nero, até dois anos antes de seu fim. Por não termos os anos de Calígula e principalmente o fim de Nero, é uma tarefa bastante difícil compreender a progressão da narrativa tacitiana, pois de Tibério a Nero existe uma mudança significativa de estilo e temas, como veremos a seguir.

A estrutura narrativa dos *Anais*, em comparação com os cinco primeiros livros das *Histórias*, é evidentemente muito mais complexa, dado que nesta última obra o período coberto é de apenas dois anos, com comparação com os 54 anos cobertos pelos *Anais* (14-68 d. C.), e se forma através de mais camadas de ênfases temáticas no texto. Assim, se a principal dicotomia no texto das *Histórias* era a comparação entre *res externae* e *res internae* (POMEROY 2003), e a própria caracterização dos personagens estava subordinada à dinâmica da guerra civil (ASH 1999), nos *Anais* os planos de narração se diluem em estratégias narrativas mais sofisticadas e interdependentes.

A ênfase primária nos *Anais* está na narrativa das ações dos imperadores e na progressiva revelação do caráter de cada um no decorrer dos livros – embora esse aspecto biográfico esteja sempre subordinado à forma analítica da

¹ A consequência mais relevante disso é uma oportunidade para entendermos o porquê de sua mudança de ênfase, abandonando a euforia e a celebração do principado de Trajano como um período de *libertas* renovada, presente no *Agricola* e ainda nas *Histórias*, e adotando um silêncio em relação ao momento para ele presente nos *Anais*. Tal questão é evidenciada pela contradição entre o anúncio de Tácito nas *Histórias*, de pretender relatar posteriormente o governo de Trajano (*quod si vita suppeditet, principatum divi Nervae et imperium Traiani, uberiorem securioremque materiam, senectuti seposui [...]*) e sua decisão posterior de voltar ainda mais no passado e escrever sobre o período dos Júlios-Cláudio. Sobre as hipóteses de datação, ver Syme (1960, seções IV e VII).

² Hector Benario já anuncia certa saturação nos estudos tacitianos em 1975 (p. vii). Comparem-se os prefácios de Ronald Mellor (1993) e de F. R. D. Goodyear (1970) com a mesma reflexão.

narrativa (JAL 1997). Isso é um recurso para que Tácito sublinhe o caráter na realidade praticamente monárquico do Principado, centrado na figura do imperador e conseqüentemente na cidade de Roma – e não no exército/guerra civil/províncias, como é o caso das *Histórias*. E, mais ainda, a interação entre os imperadores e os personagens secundários que os acompanham é fundamental, pois serve como forma de evidenciar os principais aspectos de seu caráter e de como isso determina, mesmo que indiretamente, a evolução do sistema do Principado. Nesse sentido, a existência da dicotomia *res internae/res externae* é aqui auxiliar na caracterização de personagens – como, por exemplo, Germânico, oposto a Tibério nos livros I e II, e Corbulão, oposto a Nero nos livros XIV e XV – e serve como contexto para evidenciar os atributos destes e o significado de sua imagem como essencialmente antagônica à dos imperadores.

Num plano estrutural mais geral, os blocos de caracterizações dos diferentes imperadores formam uma continuidade entre si, num diálogo no qual o processo de deterioração moral do Principado se torna gradualmente evidente. Sendo assim, é importante compreender a razão e a dinâmica dos balizamentos construídos por Tácito nos *Anais*, tanto no plano geral da obra, quanto individualmente entre os seus livros – o que nos remete inevitavelmente à discussão sobre a teoria das hêxades apresentada por Sir Ronald Syme (1960, p. 686-687). A reflexão sobre esse problema é de fundamental importância para compreendermos a estrutura narrativa dos *Anais*, até mesmo para saber qual o peso e a importância de cada um dos respectivos períodos narrados na visão de Tácito sobre a decadência moral (ou renovação) no curso da história romana (KOESTERMANN 1973; LUCE 1986).

Syme argumenta que Tácito planejou uma divisão sistemática e proporcional dos *Anais* e das *Histórias* em grupos de seis livros cada, sendo a primeira hêxade sobre Tibério, a segunda sobre Calígula e Cláudio, a terceira sobre Nero, a quarta sobre a guerra civil e Vespasiano, e a quinta sobre Tito e Domiciano, o que significa considerar os *Anais* como tendo 18 livros no total e as *Histórias*, 12 livros (SYME 1960, p. 253). A razão dessa distribuição, segundo Syme, seria a impossibilidade de Tácito concluir o relato do Principado de Nero, ou mesmo do ano de 68 d. C. até o fim, apenas com os parágrafos que lhe restariam no livro XVI. Tendo os *Anais*, portanto, 18 livros no total, a definição dos seis primeiros livros como um bloco coeso dedicado a Tibério, de fato aparentemente clara, coincidiria com um padrão proporcional de livros para os imperadores seguintes.

Porém, não é fácil conciliar as demais proporções, tal como a esquematização possível para os livros dedicados a Tibério. Em primeiro lugar, isso criaria um problema para a divisão das *Histórias*, já que a distribuição de seis livros para um ano de guerra civil e para nove anos do governo de Vespasiano, com mais outros seis para aproximadamente um ano de Tito e quinze de Domiciano, seria bastante desproporcional. Uma explicação adicional que Syme apresenta seria, no entanto, que Tácito teria morrido antes de completar

os *Anais*, devido a uma série de evidências de falhas estilísticas que demonstrariam a falta de revisão do texto final, a partir dos livros de Cláudio (SYME 1960, p. 711-745; ADAMS 1972).

Frank Goodyear enumera alguns argumentos em contrário (GOODYEAR 1970, p. 17-19)³ e defende a contagem sequencial presente nos códices medievais originais (TARRANT 1983) – onde o primeiro livro das *Histórias* consta como *Cornelii Taciti liber XVII*. Ele argumenta que a narrativa remanescente do livro XVI dos *Anais* seria suficientemente pequena para permitir espaço para os acontecimentos até o final do ano de 68 d. C., e que as evidências da falta de revisão ou incompletude da última hêxade não são conclusivas, mesmo porque afinal de contas, é impossível determinar se Tácito realmente deixou sua obra incompleta. Segundo Goodyear, portanto, os *Anais* teriam 16 livros, e as *Histórias*, 14. Mas, sendo assim, o que poderíamos concluir sobre os possíveis paralelos entre imperadores em Tácito, fundamentais para Syme, já que a falta da proporcionalidade da teoria das hêxades pode inviabilizar uma associação automática entre os blocos temáticos de Tibério, Calígula e Cláudio, e Nero?

A caracterização dos personagens oferece o melhor caminho, ainda que sutil, para a compreensão desse problema. Na verdade, faz pouco sentido igualar as narrativas dos períodos de cada imperador num paralelo estrutural absolutamente simétrico, em que sua equivalência não necessariamente confere um grau de comparação e de escala de valores entre eles – a própria dificuldade em esticar (Nero) ou adensar (os Flávios) determinados períodos para que o esquema funcione detecta exatamente essa falha na lógica do argumento. A distribuição desigual dos livros nas *Histórias* e nos *Anais* pode mesmo demonstrar que, se Tácito define exatamente blocos da narrativa de acordo com a sequência dos imperadores, existe no texto um sutil – mas deliberado e preciso – sentido qualitativo que descreve, em última instância, a evolução do Principado de Tibério a Domiciano. Ou seja, num plano evidentemente mais longo, e ainda que não equivalente, da sucessão de imperadores, assim como há nas *Histórias* (ou no que delas nos resta) uma sequência degenerativa refletida no esquema Galba-Oto-Vitélio (MARQUES 2010), parece-nos plausível compreender os *Anais* através da sucessão Tibério-Cláudio-Nero como reveladora de uma progressiva decadência política e moral.⁴

Porém, existem ainda dois problemas importantes. Em primeiro lugar, uma comparação entre essa possibilidade e os problemas existentes na estrutura das *Histórias* não deve ser tomada como automática. Uma compreensão geral da história romana tal como concebida por Tácito, de Augusto até a realidade política de seus próprios dias, só pode ser viável depois de uma análise mais abrangente dos outros elementos relevantes direta ou indiretamente em cada uma das duas obras, como, por exemplo, suas digressões – que analisaremos

³ Para mais evidências contra Syme, ver McCulloch (1984, p. 171-175).

⁴ Como já aponta T. J. Luce (1991, p. 2919): *The conduct of the Julio-Claudian emperors becomes over time increasingly bizarre and extreme, while the praise that greets such conduct keeps pace with its most frightful and perverse manifestations. By the reign of Nero the value system has been utterly confounded.*

brevemente mais adiante. A segunda questão é o problema das lacunas nos *Anais*, especialmente com a ausência dos livros relativos a Calígula – pois, como entender uma progressão decadente em que Cláudio, apesar de bastante incapaz, mas não certamente uma besta cruel, seria pior para Tácito do que Calígula? Uma resposta segura a essa pergunta é, na verdade, impossível, e sendo assim não pretenderíamos estabelecer um padrão rígido com a sequência sugerida, mesmo com a ausência de um dos imperadores no texto. Entretanto, as observações seguintes têm o intuito de demonstrar que tal leitura é possível, ao menos através dos elementos do texto que nos está preservado.

Tibério é uma figura onipresente nos seis primeiros livros dos *Anais*, mesmo quando não atua de forma direta nos acontecimentos (WHARTON 1997, SHOTTER 1988). A característica principal de sua personalidade é a *dissimulatio*, o jogo entre a aparência e a realidade pretendida. Já a partir de sua ascensão, ele está em pleno controle dos eventos, como no relato do assassinato de Agripa Póstumo (I, 6). O imperador também exerce sua autoridade através do controle, e paradoxalmente da aparência de equilíbrio, nos negócios do Senado. Sua modéstia, especialmente quando das comparações feitas entre ele e Augusto, é calculada e intencional e, enquanto permanece em Roma, Tibério faz questão de preservar uma imagem de compartilhador do poder: “Pois Tibério criou o hábito de dar a primeira iniciativa sempre aos cônsules, como se a República ainda existisse e ele mesmo estivesse incerto de estar ou não no comando.” (I, 7).⁵ Porém, a verdadeira razão para tal pretendido equilíbrio seria o temor (“a causa principal era o medo” – *causa praecipua ex formidine, ibid.*) da concorrência de Germânico, com suas tropas e grande popularidade, numa introdução ao que será o grande contraste entre personagens nos dois primeiros livros dos *Anais* (DEVILLERS 1993).

A presença recorrente de Germânico cumpre a função de representá-lo como uma figura diametralmente oposta ao imperador, por conta de sua popularidade entre o povo de Roma, tão diferente do caráter soturno, reservado e dissimulado de Tibério (I, 33). Isso não significa, na verdade, que Germânico seja para Tácito particularmente um herói incondicional, mas reflete em última instância um mundo militar e diretamente associado ao ambiente republicano,⁶ em contraste com o mundo do Principado. Porém, o contexto das atitudes de Germânico reflete a visão de um mundo anacrônico, e até mesmo falho, ao mostrar a incompetência do personagem que o simboliza, ou seja, não necessariamente uma figura de características republicanas é aqui melhor do que outra simbolizando o novo contexto político.⁷ Germânico é patentemente

⁵ *Nam Tiberius cuncta per consules incipiebat, tamquam vetere re publica et ambiguus imperandi.*

⁶ Através do seu pai, Druso. Cf. *Anais*, I, 33: “Pois a memória de Druso ainda vivia na memória do povo romano, e ainda se acreditava que, se ele tivesse herdado o governo, ele teria trazido a República de volta. A afeição e a esperança passaram então para seu filho, Germânico” – *quippe Drusi magna apud populum Romanum memoria, credebaturque, si rerum potitus foret, libertatem redditurus; unde in Germanicum favor et spes eadem.*

⁷ Como ressalta Pelling (1993, p. 77): *Rather than right or wrong ways, we really just have two different ways [...]: the way of Germanicus, old-fashioned, bloody, but glorious; and the way of Tiberius, diplomatic, modern, unglamorous, but highly effective.*

inepto para controlar a revolta na Germânia, no livro I, 31-71 (PELLING 1993, p. 62-63), e de fato a maneira como Druso, filho de Tibério, comanda a situação paralela de revolta na Panônia (I, 16-30) é, em termos práticos, mais eficaz. A consolidação da popularidade de Germânico, mesmo depois de sua morte, se torna uma evidência sutil do seu fracasso como “modelo republicano”, pois seus descendentes diretos – Calígula, Agripina, Nero – retomam constantemente sua memória⁸ para acabar agindo todo o tempo de forma moralmente condenável. Mesmo assim, sua presença é importante o suficiente para determinar a narrativa dos dois primeiros livros, e ainda define a abertura do terceiro, com o retorno da viúva Agripina a Roma e a mais extensa narrativa envolvendo o julgamento de Pisão, pelo seu assassinato.

O terceiro livro dos *Anais* consiste em um interlúdio entre as mortes de Germânico e Druso, que significam a perda dos herdeiros de Tibério e a abertura da esfera de influência imperial para a entrada de Sejano no livro IV. É interessante notar que é apenas neste livro que aparecem as primeiras digressões dos *Anais*. O espaço permitido na narrativa com o fim do tema de Germânico possibilita uma maior variedade de assuntos, como, por exemplo, os relativos ao tratamento dispensado por Tibério ao Senado. É geralmente no contexto desses debates que Tácito insere algumas de suas mais significativas digressões. Entre elas se incluem, por exemplo, os parágrafos sobre a formação das leis romanas (III, 26 a 28 – WOODMAN; MARTIN 1996, p. 236-237), sobre o “ciclo” de luxo e austeridade (III, 55 – MARQUES 2004), sobre o propósito da história (III, 65 – LUCE 1991) e sobre a diferença entre os temas históricos antigos e os novos (IV, 32-33 - MARTIN; WOODMAN 1989, p. 169-172). É dessa maneira que alguns autores acreditam que Tácito tenha deliberadamente “inchado” o terceiro livro dos *Anais* com esse material para adequá-lo à distribuição hexádica dos livros sobre Tibério (SAGE 1990, p. 977).

Já o livro IV, que marca a divisão entre os dois períodos do Principado, antes e depois da ascensão de Sejano, tem um número menor de digressões. Contudo, podemos destacar os parágrafos 32 e 33, que apresentam uma curiosa autocrítica de Tácito. Ele inverte o mérito de seu trabalho, como sendo monótono e trivial perante as grandes narrativas de batalhas e conquistas dos antigos historiadores (o que, no entanto, ele mesmo realiza nas *Histórias*). Há aqui um paralelo direto entre um passado de temas gloriosos e um presente de temas maçantes, embora também úteis. Porém, mais do que a comparação com o passado, cabe ressaltar a importância da presença dessa digressão exatamente no final do período do principado de Tibério antes de Sejano, que reflete o contexto de um governo sério e eficiente, porém que sob um imperador dissimulado, cruel e já ausente.

A divisão entre este e o próximo livro marca uma clara diferença entre as duas fases do governo de Tibério, compartilhando o poder primeiramente com seus herdeiros, e depois com Sejano, mesmo que cada vez mais afastado de fato

⁸ Por exemplo, em XI, 12; XII, 2; XII, 14; XIV, 7.

do centro do poder. Gradualmente, Tibério se livra das amarras impostas à sua personalidade para impor seu caráter “degenerado”, como Tácito depois sintetiza no obituário do imperador, em VI, 51 (WOODMAN 1989):

Também o seu caráter mudou com o passar do tempo: teve uma vida regrada e distinta enquanto cidadão privado ou comandante sob Augusto. Foi dissimulado e astuto, fingindo virtudes, enquanto Germânico e Druso viveram; da mesma forma era ainda uma mistura de bom e mau até a morte da mãe. Foi detestado por suas infâmias, escondendo ainda sua libertinagem, enquanto favorecia – ou temia – Sejano. Finalmente lançou-se a toda sorte de crimes e infâmias, agora finalmente livre de quaisquer pudores e medos.⁹

A questão da imutabilidade do caráter de Tibério nos parece inconclusiva em Tácito. De fato, essas cinco fases distintas de sua personalidade podem ser efetivamente percebidas no texto, mas existem incongruências, tanto em relação a Tibério quanto a outros personagens, quanto à validade da teoria do caráter fixo do indivíduo no julgamento do historiador. Tibério é ainda dissimulado no fim de sua vida:

A compleição e a força já estavam falhando em Tibério, mas não ainda seus poderes de dissimulação: ele conservava o mesmo rigor na alma. Ainda enérgico na palavra e no olhar, tentava mascarar seu evidente declínio com uma forçada sociabilidade (VI, 50).¹⁰

Entretanto, Vespasiano é outro exemplo importante, pois fornece um contraste fundamental: Tácito afirma que, dos imperadores, ele foi o único cujo caráter melhorou com a chegada ao poder (DAMON 2006): “E apesar da fama ambígua de Vespasiano, só ele entre os imperadores mudou para melhor”.¹¹

Seja como for, a diferença entre o caráter de Tibério e o de Cláudio, na mudança do livro VI para o livro XI, é absolutamente evidente. Se Tibério é marcado pela dissimulação e pelo controle, Cláudio aparece, em contraste, definido pela ignorância e pela passividade. Nos dois livros que dispomos sobre seu governo, Cláudio é retratado por Tácito como um governante incapaz de perceber a realidade política ao seu redor, comandada por suas mulheres e por seus libertos (VESSEY 1971; GRIFFIN 1990). O livro XI o traz sempre em segundo plano, devido à presença determinante de Messalina, e no livro XII a situação é similar, devido à crescente influência de Agripina. Sua reação amorfa à traição e ao assassinato de Messalina (XI, 34, 38) é representativa de uma passividade que chega ao cúmulo no episódio de sua morte, na situação patética narrada por Tácito em que nem um envenenamento fatal difere muito da sua

⁹ *morum quoque tempora illi diversa: egregium vita famaue quoad privatus vel in imperiis sub Augusto fuit; occultum ac subdolum fingendis virtutibus donec Germanicus ac Drusus superfuere; idem inter bona malaque mixtus incolumi matre; intestabilis saevitia sed obtectis libidinibus dum Seianum dilexit timuitve: postremo in scelera simul ac dedecora prorupit postquam remoto pudore et metu suo tantum ingenio utebatur.*

¹⁰ *Iam Tiberium corpus, iam vires, nondum dissimulatio deserebat: idem animi rigor; sermone ac vultu intentus quaesita interdum comitate quamvis manifestam defectionem tegebat.*

¹¹ *Histórias*, I, 50: *et ambigua de Vespasiano fama, solusque omnium ante se principum in melius mutatus est.*

habitual letargia etílica: "Porém, como resultado do seu estado etílico e letargia naturais, os efeitos da droga não foram percebidos de imediato"¹² (KEITEL 1981).

Muito dessa caracterização se deve intencionalmente a Tácito, através de sua técnica narrativa. Em primeiro lugar, ele remete a uma imagem de Cláudio já consolidada na literatura, haja vista, por exemplo, o mesmo aspecto de ironia presente na *Apocoloquintose*, de Sêneca (OMENA 2005). Mas também outros recursos permitem a reafirmação do caráter banal de Cláudio como imperador. Os discursos que a ele são atribuídos são construídos de forma a demonstrar um antiquarianismo prolixo e tedioso – e disso o melhor exemplo está em XI, 24, no discurso do imperador sobre a admissão de provinciais no Senado: Cláudio enumera razões para aceitar a entrada de gauleses no Senado, citando os precedentes dos seus ancestrais, que permitiram a expansão do império agregando figuras eminentes de fora de Roma. Uma comparação da reconstrução tacitiana com o discurso original – ou ao menos registrado e preservado – é possível devido à existência de uma inscrição encontrada em Lyon, que contém quase todo o texto pronunciado por Cláudio (GRIFFIN 1982). Essa comparação revela um cuidado retórico bem maior de Tácito comparado à enorme confusão argumentativa do verdadeiro discurso, ainda que o autor continue deixando evidente a prolixidade do imperador. Também as digressões dos livros XI e XII, ao refletir os interesses de Cláudio como censor, mostram aspectos que seriam talvez meramente ilustrativos se inseridas em outros pontos do texto, como, por exemplo, no caso das letras do alfabeto (XI, 13-14) e do colégio dos harúspices (XI, 15). No primeiro caso, o relato da transmissão do alfabeto para os romanos serve apenas para ilustrar a inutilidade do interesse diletante de Cláudio, dado que as letras que ele criou e introduziu no alfabeto latino caíram rapidamente em desuso. Nesse sentido, essas digressões servem, claramente para evidenciar a caracterização de Cláudio como um imperador preocupado com questões irrelevantes, comparadas aos graves fatos que acontecem ao seu redor.

Também a descrição da origem do *pomoerium* (XII, 24), uma extensão de terra considerada sagrada circundando os limites da cidade de Roma, e que poderia ser alargada quando da extensão das bordas do império, tem também o intuito de mostrar como Cláudio é indigno de repetir esse ritual. Ele o faz por causa da anexação da Britânia, mas sua vacilante conquista está em amplo contraste com as situações anteriores em que o ritual foi cumprido, por conta das maiores e mais grandiosas expansões feitas por Sila e Augusto ("[Um direito que], mesmo depois da conquista de grandes nações, não foi exercido por nenhum comandante romano exceto Sila e o divino Augusto").¹³

Já no caso de Nero, o paralelo estilístico e de conteúdo entre os assassinatos que abrem os livros XII e o primeiro livro dos *Anais* (I, 6) parece claro indicador de uma comparação mais direta com Tibério. No livro I temos: "O primeiro crime

¹² XII, 67: *nec vim medicaminis statim intellectam, socordiane an Claudii vinolentia.*

¹³ *Nec tamen duces Romani, quamquam magnis nationibus subactis, usurpaverant nisi L. Sulla et divus Augustus* (XII, 23).

do novo Principado foi o assassinato de Agripa Póstumo [...]. Tibério não declarou nada sobre o assunto para o Senado: ele fingiu que a ordem tinha sido dada por Augusto”¹⁴ e já no livro XIII a formulação é muito parecida: “A primeira morte do novo Principado foi a de Júnio Silano, procônsul da Ásia, planejada por Agripina e sem o conhecimento de Nero”¹⁵ (SCHMAL 2005). A diferença, no entanto, é fundamental: Tibério tem perfeito controle da situação, enquanto que Nero ainda sequer sabe dos planos de sua mãe. Passado esse primeiro período de ascensão do novo e jovem imperador, a presença de Agripina no início do principado de Nero como manipuladora do poder vai gradualmente se tornando menos determinante, até sua morte no livro XIV. O processo de eliminação da influência de Agripina reflete o tema principal dos livros neronianos, que é a passagem de um período de dependência de Nero em relação a outras figuras do poder, como Sêneca, Burro e a própria mãe, para sua independência após a morte destes. Nesse sentido, Nero também segue o padrão da personalidade de Tibério, ao revelar aos poucos seu caráter.

Os livros neronianos apresentam uma narrativa contínua peculiar (MORFORD 1989), sem nenhuma digressão particularmente expressiva. O objetivo direto de Tácito neles é mostrar como Nero deixou de ser um jovem manipulado e indolente para se tornar cruel e dissoluto. A crueldade em Nero já é prontamente anunciada no início de seu governo, através do assassinato de Britânico (XIII, 15-17), e “evolui” gradativamente numa linha qualitativa de eliminação de personagens cada vez mais virtuosos (ou menos reprováveis). Assim, primeiro temos a morte de Agripina, que, se não é uma mulher louvável para Tácito, traz o impacto do matricídio como tema a anunciar o começo do livro XIV (1-13). O mesmo livro é concluído com o assassinato polêmico e impopular de Otávia (59-64), sempre caracterizada por Tácito como inocente, casta e pura. A partir do livro XV, a série de mortes dos envolvidos na conspiração de Pisão culmina com o suicídio de Sêneca (60-63), e desencadeia uma série frenética de nomes eliminados direta ou indiretamente por Nero. Tal sequência termina no ponto em que o manuscrito dos *Anais* termina, no 35º parágrafo do livro XVI, no relato da morte mais simbólica de todos os personagens neronianos, Trásea Peto, *virtus ipsa* (21-35). A quase “progressão geométrica” dos mortos sob Nero atinge um ponto tão absurdo para Tácito que ele apresenta a certa altura uma reflexão semelhante à de IV, 33, ao reclamar de seu tema inglório: “Mas agora essa servil passividade e todo o sangue desperdiçado em casa cansam a alma, deprimem-na e a paralisam”.¹⁶

O outro ponto importante da personalidade de Nero, sua *lascivia*, está centrado na narrativa de sua dedicação às atividades artísticas e à cultura grega, também numa escala ascendente em que o imperador parte gradualmente da esfera privada (XIV, 14) e do patronato – como no primeiro *Neronia*, XIV, 20-21–

¹⁴ *Primum facinus novi principatus fuit Postumi Agrippae caedes [...] nihil de ea re Tiberius apud senatum disseruit: patris iussa simulabat.*

¹⁵ *Prima novo principatu mors Iunii Silani proconsulis Asiae ignaro Nerone per dolum Agrippinae paratur.*

¹⁶ *at nunc patientia servilis tantumque sanguinis domi perditum fatigant animum et maestitia restringunt.*

para suas apresentações públicas, iniciando em 64 d. C., - XV, 23 (MARQUES 2001, CHAMPLIN 2005, p. 76). A aprovação pública em Roma das atividades artísticas de Nero, tanto por parte da plebe quanto de certas partes da nobreza, é para Tácito elemento fundamental da situação de extrema torpeza moral. De fato, a característica individual do imperador influencia diretamente a sociedade que o rodeia:

Foi então que a promiscuidade e a degradação grassaram. A moral romana há tempos tinha se tornado impura, mas nunca houve um ambiente tão favorável à desgraça quanto entre essa turba imunda. Mesmo num ambiente virtuoso é difícil para as pessoas se comportarem bem. Menos ainda poderiam a castidade e a modéstia ou qualquer vestígio de integridade sobreviver em tal competição de vícios.¹⁷

A atitude dos provinciais contrasta claramente com tal estado das coisas,¹⁸ definindo Roma como o centro da decadência no Império ao representar o espelho do governo de Nero. Afinal, a *urbs* é nessa situação o lugar “onde todas as coisas vergonhosas e horríveis encontram abrigo e se desenvolvem”.¹⁹

Como se tudo isso não bastasse, mais uma característica mostrada por Tácito ainda revela que Nero é para o historiador o mais indigno dos imperadores nos *Anais*: a oratória do imperador é quase nula (SCOTT 1998), e por vezes até mesmo falsificada, pois escrita por terceiros. Quando Nero discursa no funeral de Cláudio usando as palavras escritas por Sêneca, Tácito nos lembra de que ele foi o primeiro imperador a precisar de alguma outra pessoa para lhe fornecer a retórica. Vale a pena citar este trecho, embora extenso, pois ele é um resumo tanto do caráter de Nero quanto da própria ideia que estamos formulando aqui, da progressão decadente dos imperadores na estrutura narrativa dos *Anais*:

Os mais idosos, cuja distração era comparar as coisas antigas com as novas, repararam que Nero era o primeiro imperador que teve necessidade de se servir da eloquência alheia. Pois o ditador César rivalizava com os maiores oradores; e Augusto tinha pronta e fluente a eloquência necessária a um imperador. Tibério era um mestre em medir as palavras, quando queria expressar vigor, ou quando era deliberadamente ambíguo. Mesmo a mente perturbada de Calígula não corrompeu sua fluência. E quando Cláudio discorria sobre seus assuntos, a elegância não lhe faltava. Mas Nero, desde a sua infância, voltou sua mente inquieta para outros interesses: esculpia, pintava, cantava e conduzia os cavalos, e às vezes compunha versos, mostrando ter alguns rudimentos de cultura.²⁰

¹⁷ *Anais*, XIV, 15: *inde gliscere flagitia et infamia, nec ulla moribus olim corruptis plus libidinum circumdedit quam illa conluvis. vix artibus honestis pudor retinetur, nedum inter certamina vitiorum pudicitia aut modestia aut quicquam probi moris reservaretur.*

¹⁸ No segundo *Neronia*: – “Mas os espectadores das cidades remotas, vindos do ainda austero interior da Itália – onde se conservava os costumes severamente – e todos os das províncias longínquas, inexperientes na lascívia, vindos a Roma em missões públicas ou por negócios particulares, não podiam tolerar tal espetáculo, nem dar esses vergonhosos aplausos” / *Sed qui remotis e municipiis severaque adhuc et antiqui moris retinente Italia, quique per longinquas provincias lascivia inexperti officio legationum aut privata utilitate advenerant, neque aspectum illum tolerare neque labori inhonesto sufficere* (XVI, 5).

¹⁹ *quo cuncta undique atrocitas aut pudenda confluunt celebranturque* (XV, 44). O contexto é a descrição dos cristãos.

²⁰ *adnotabant seniores quibus otiosum est vetera et praesentia contendere, primum ex iis, qui rerum potiti essent, Neronem alienae facundiae eguisse. nam dictator Caesar summis oratoribus aemulus; et*

A rigor, simplesmente não há, no texto de que dispomos para o período neroniano, nenhuma digressão individualizada, como dos livros anteriores. Alguns parágrafos são dedicados a observações do autor sobre o assunto tratado, como em XIV, 20-21, onde Tácito se mostra provavelmente indignado (de maneira indireta, através de uma *oratio obliqua* atribuída a vozes contrárias a esses espetáculos) com as apresentações dos nobres e do imperador no *Neronia* de 60 d. C., ou quando o autor lamenta a indignidade de narrar o banho de sangue que se segue à conspiração de Pisão (XVI, 16). Entretanto, são apenas manifestos que representam o esgotamento moral da dinastia Júlio-Cláudio, sem as características de uma análise digressiva no texto.

Podemos apenas conjecturar sobre os motivos dessa ausência. Uma explicação possível se baseia na teoria de Sir Ronald Syme, de que Tácito não viveu para publicar os textos dos livros XIII a XVI (ou a XVIII) devidamente revisados e escritos de forma definitiva. Syme apresenta uma série de evidências linguísticas demonstrando que diversos termos e expressões utilizados nestes livros são absolutamente diferentes dos outros termos semelhantes nos livros anteriores, sendo esta, portanto, uma clara quebra no estilo do texto (SYME 1960, p. 711-745). Aceitando-se essa hipótese, ainda permanece a pergunta: Tácito poderia ter introduzido digressões posteriormente, numa eventual revisão do texto? Há ainda outra opção, que não só condiz com nossa proposta de interpretação como também não é necessariamente inviável se Syme estiver correto: a ausência de digressões nos livros neronianos pode significar mais um recurso retórico utilizado por Tácito, para mostrar como o principado de Nero seria o ponto máximo da degradação dos imperadores Júlios-Cláudio. Sendo assim, seria deliberado que os livros sobre Nero sequer mereceriam a atribuição de análises estruturais e detalhadas que caracterizam o principado menos indigno de Tibério, ou até mesmo de Cláudio.

Sendo assim, para concluir, é possível nos *Anais* compreender a caracterização dos personagens como uma forma de evidenciar uma determinada sucessão decadente, ainda que num ritmo mais lento do que nas *Histórias*. Os elementos de resistência, presentes a partir de construções de certos personagens auxiliares, remontam a um ideal virtuoso que não é mais viável na realidade do Principado, haja vista que indivíduos que remetem a valores republicanos, como Germânico ou Trásea, são invariavelmente anacrônicos ou incapazes de perceber que a *libertas* na nova realidade política está definitivamente subordinada à *dominatio*²¹ (JOLY 2004).

O esquema Tibério-Cláudio-Nero, apesar de necessariamente falho pela ausência de Calígula, traz, no entanto, claros indícios da evolução do Principado para Tácito. Tibério é cruel, porém ainda eficiente; Cláudio não é essencialmente

Augusto prompta ac profluens quae deceret principem eloquentia fuit. Tiberius artem quoque callebat, qua verba expenderet, tum validus sensibus aut consulto ambiguus. etiam Gai Caesaris turbata mens vim dicendi non corruptit; nec in Claudio, quotiens meditata disserteret, elegantiam requireres. Nero puerilibus statim annis vividum animum in alia detorsit: caelare, pingere, cantus aut regimen equorum exercere; et aliquando carminibus pangendis inesse sibi elementa doctrinae ostendebat.

²¹ Agrícola seria, no entanto, um exemplo de que a conciliação entre as duas realidades é, no entanto, possível. Cf. *Agrícola*, 43.

cruel (até perdoa Messalina, em XI, 37), mas é inepto; já Nero não só é cruel como também é incapaz de governar, absorto em sua devassidão. Sabemos que tal estado de coisas, mesmo sem dispormos do relato final dos *Anais*, tem sua consequência inevitável na revolta de Víndice, que por sinal se forma contra as atitudes “infames” de Nero,²² e na guerra civil retratada nas *Histórias*. A continuidade é clara, criada por artifícios retóricos sutis e intencionais.

Bibliografia

- ADAMS, J. N. The Language of the Later Books of Tacitus' *Annals*. **The Classical Quarterly**, New Series, 22:350-373, 1972.
- ASH, R. **Ordering Anarchy. Armies and Leaders in Tacitus' Histories**. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1999.
- BENARIO, Hector. **An Introduction to Tacitus**. Athens: University of Georgia Press, 1975.
- CHAMPLIN, E. **Nero**. Cambridge: Harvard University Press, 2005.
- DAMON, C. *Potior utruque Vespasianus: Vespasian and His Predecessors in Tacitus' Histories*. **Arethusa**, 39:245-279, 2006.
- DEVILLERS, O. Le rôle des passages relatifs à Germanicus dans les *Annales* de Tacite. **Ancient Society**, 24:225-241, 1993.
- GOODYEAR, F.R.D. **Tacitus**. Oxford: Clarendon Press, 1970. (Greece & Rome New Surveys in the Classics, 4).
- GRIFFIN, M. The Lyons Tablet and Tacitean Hindsight. **The Classical Quarterly**, 32:404-418, 1982.
- _____. Claudius in Tacitus. **The Classical Quarterly**, XL(2):482-501, 1990.
- JAL, M. Paul. Historiographie annalistique et historiographie thématique dans l'Antiquité Classique: quelques remarques. **Revue des Études Latines**, 75:27-37, 1997.
- JOLY, F. D. **Tácito e a metáfora da escravidão**. São Paulo: Edusp, 2004.
- KEITEL, Elizabeth. Tacitus on the Deaths of Tiberius and Claudius. **Hermes**, 109:206-214, 1981.
- KOESTERMANN, E. Das Problem der römischen Dekadenz bei Sallust und Tacitus. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, I. 3:781-810, 1973.
- LUCE, T. J. Tacitus' conception of historical change. In: MOXON, I. S.; SMART, J. D.; WOODMAN, A. J. (eds.). **Past Perspectives: Studies in Greek and Roman Historical Writing**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 143-157, 1986.

²² Díon Cássio, LXIII, 22, 2-6.

- _____. "Tacitus on History's Highest Function": *praecipuum munus annalium* (Ann. 3.65). **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II.33(4):2.904-2.927, 1991.
- MARINCOLA, J. **Authority and Tradition in Ancient Historiography**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.
- MARQUES, J. B., "Nero as Artist and the Political Changes in the Principate". In **Praktika, XIth International Congress of Classical Studies**, tomo A'. Athens: FIEC/Parnassos Literary Society, p. 101-107, 1991.
- _____. Um ciclo dos costumes em Tácito? *Anais* III, 55. **Boletim do CPA**, 18:55-66. Campinas: CPA/Unicamp, 2004.
- _____. Estruturas narrativas nas *Histórias* de Tácito. **Phoenix**, 14:76-90, (UFRJ), 2010.
- MARTIN, R. H.; WOODMAN, A. J. (eds.). **Tacitus, Annals, book IV**. Cambridge: Cambridge University Press, 1999. (Cambridge Greek and Latin Classics).
- McCULLOCH, H., Jr. **Narrative Cause in the Annals of Tacitus**. Königstein: Anton Hain, 1984.
- MELLOR, Ronald. **Tacitus**. London: Routledge, 1993.
- MORFORD, Mark. Tacitus' Historical Methods in the Neronian Books of the *Annals*. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt**, II. 33(2):1.582-1.627, 1989.
- OMENA, L. M. A *Apocolocyntosis* de Sêneca: uma alusão à troca de favores em Roma. **História Revista**, 10(2):363-374, UFG, 2005.
- PELLING, C. Tacitus and Germanicus. In: LUCE, T. J.; WOODMAN, A. D. (eds.). **Tacitus and the Tacitean Tradition**. Princeton: Princeton University Press, 1993.
- POMEROY, Arthur J. Center and Periphery in Tacitus' Histories. **Arethusa**, 36:361-374, 2003.
- SCOTT, J. M. The Rhetoric of Supressed Speech: Tacitus' Omission of Direct Discourse in his *Annales* as a Technique in Character Denigration. **The Ancient History Bulletin**, 12(1-2):8-18, 1998.
- SAGE, M. M., Tacitus' Historical Works: A Survey and Appraisal [Indices p. 1.629-1.647]. **Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt** II.33(2):851-1.030, 1990.
- SCHMAL, S. **Tacitus**. Studienbücher Antike, Band 14. Hildesheim: Olms, 2005.
- SHOTTER, D. C. A. Tacitus and Tiberius. **Ancient Society**, 19:225-236, 1988.
- SYME, R. **Tacitus**. 2 vol. Oxford: Oxford University Press, 1960.
- TARRANT, R. J. Tacitus. In: REYNOLDS, L. D. (ed.) **Texts and Transmission: a**

Survey of the Latin Classics. Oxford: Clarendon Press, 1983, p. 406-409.

VESSEY, D. W. T. C. Thoughts on Tacitus' Portrayal of Claudius. **American Journal of Philology**, 92(3):385-409, 1971.

WHARTON, D. B. Tacitus' Tiberius: The State of the Evidence for the Emperor's *ipsissima verba* in the Annals. **American Journal of Philology**, 118(1):119-125, 1997.

WOODMAN, A. J. Tacitus' Obituary of Tiberius. **The Classical Quarterly**, New Series, 39(1):205, 1989.

WOODMAN, A. J.; MARTIN, R. H. **The Annals of Tacitus, book 3.** Cambridge: Cambridge University Press, 1996.